

**PUBLICAÇÃO**

ISSN: 2527-2470
Vol. 9, N.1 (2025)
(Digital)

SEÇÃO

Artigos Originais
Recebido: 05/11/2025
Aceito: 31/12/2025

Eloc-ID

v9-e1708

COMO CITAR

SILVA, Marilene Aparecida Santana da; SOUZA, Luiz Paulo Guedes de. A pedagogia da autonomia como metodologia de ensino e aprendizagem no curso de formação iniciada e continuada agente de desenvolvimento cooperativista solidário. *Revista Ação & Sociedade*, (ISSN 2527-2470), v. 9, v9-e1708, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/acaoesociedade/article/view/v9-e1708>

LICENÇA

Copyright © The Author(s). Published by the Instituto Federal Goiano, Brazil. This is an open-access paper distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0).

**Revista Ação & Sociedade**

Revista de Extensão do IF Goiano



A pedagogia da autonomia como metodologia de ensino e aprendizagem no curso de formação iniciada e continuada agente de desenvolvimento cooperativista solidário.

The pedagogy of autonomy as a teaching and learning methodology in the initial and continued training course for solidarity cooperative development agents.

Marilene Aparecida Santana da Silva¹, Luiz Paulo Guedes de Souza¹.

¹Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí

marilene.santana@ifgoiano.edu.br (correspondente), luiz.guedes@ifgoiano.edu.br.

RESUMO

O presente relato de caso versa sobre a atuação como professor formador no projeto EcoSol – Agente Cooperativista Solidário. Trata-se de atividade voltada a comunidade específica, com suas características e idiosincrasias, o que possibilita a aplicação das aulas sob a ótica da pedagogia de Paulo Freire, trabalhando elementos do cotidiano dos discentes. As aulas foram todas pautadas na metodologia da autonomia de Paulo Freire, no entanto os objetivos traçados para a disciplina de gêneros textuais estavam direcionados ao respeito dos saberes trazidos pelos educandos, saberes esses muita das vezes construídos na prática comunitária. A escolha pela metodologia de Paulo Freire foi estabelecida para essa disciplina pois a filosofia da educação criada por Freire consiste na pedagogia voltada para a prática e a ação transformadora, onde o conhecimento de si e de sua história traz à tona a necessidade da transformação através da reflexão crítica a respeito do contexto em que se vive.

Palavras-chave: Cooperativismo, Paulo Freire e Comunidade.

ABSTRACT This case report is about the role as a teacher trainer in the EcoSol project – Solidarity Cooperativist Agent. This is an activity aimed at a specific community, with its characteristics and idiosyncrasies, which makes it possible to apply classes from a Freirean perspective, working on elements of the students' daily lives. At each meeting, aspects related to the students' experiences are worked on and applied to the formal content contained in the course's PPC. The multiple knowledge observable in the community is highlighted, the range of skills and knowledge far transcends the expectations of common sense. It is clear that, after obtaining the land and becoming settled, divisions occurred in that previously cohesive group, a fact that I will try to remedy with the use of techniques throughout the course of the training. The initial discipline will continue throughout the course. **Keywords:** Cooperativism, Paulo Freire and Community.

INTRODUÇÃO: Sobre a arte de ensinar e aprender que discorro através dessa experiência de lecionar no curso de formação iniciada e continuada agente de desenvolvimento cooperativista solidário. Quando me deparei com esse desafio confesso que me indaguei variadas vezes como seria e como deveria fazer, num ápice de medo e empolgação lá estava eu confiante em Paulo Freire. Nesse processo permanente de aprendizagem a pedagogia da autonomia de Paulo Freire traz a reflexão de que ensinar não é transferência de conhecimento, mas a criação de possibilidades para a construção do conhecimento, dito isto, o desafio estava imposto, como fazer? Esse relato se justifica pela aprendizagem significativa que consegui adquirir enquanto profissional e humana, vivenciando segundo Paulo Freire (2009) uma experiência total exigida pela prática de ensinar - aprender, experiência essa diretiva, política, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Assim, nesse processo permanente de aprendizagem a princípio busquei investigar a história de cada um, histórias essas sofridas e energizadas de orgulho. As primeiras aulas decorreram-se sobre o tema gêneros textuais, através destas, muitas falas começam a se soltar, visão de mundo, conquistas, lutas, as tristezas e mazelas, as alegrias e festividades, as desarmonias e frustrações de um povo de lutas constantes e muitas memórias para serem ouvidas e disseminadas, nos levando a indagar o conhecimento de um povo, sua identidade, bem como, o significado cultural, social e econômico atribuído a sua história.

Compreendendo o público ao qual estava ali, enfatizava-se a necessidade da compreensão por eles de que a história de vida deles era parte do processo dos avanços industriais, tecnológicos e sociais e de que tais avanços repercutiam na sociedade a qual eles criaram em busca de melhorias; e sim, os gêneros textuais têm tudo a ver com tecnologia. Nesse sentido uma discussão e estudo para essa compreensão repercutiu na consciência de mundo que cada um trazia enraizado em sua história de vida, atrelado a esse momento oral de discussão as atividades escritas realizadas traziam a autonomia de existir-se como bem colocado por Paulo Freire na pedagogia do oprimido, onde a palavra escrita gera

a significação da cultura de um povo e significação individual, pois antes de serem povo eles eram indivíduos únicos que agregavam a sociedade. Podemos perceber nessas atividades propostas a força da cultura, sendo evidente que historicamente essa comunidade minoritária construiu suas tradições a partir de outra lógica de relação entre os seres humanos e destes com o meio ambiente, pessoas que através de sua luta potencializam um tipo de desenvolvimento que considere, acima de tudo, o bem-estar das pessoas na diversidade de sua sociedade, e não somente os seus potenciais de gerar lucros.

MATERIAL E MÉTODOS/METODOLOGIA

As aulas foram todas pautadas na metodologia da autonomia de Paulo Freire, onde “Pensar certo, do ponto de vista do professor tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e estímulo a capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando cuja promoção da ingenuidade não se faz automaticamente” (Freire, 1996. p.29).

No entanto os objetivos traçados para a disciplina de gêneros textuais estavam direcionados ao respeito dos saberes trazidos pelos educandos, saberes esses muita das vezes construídos na prática comunitária.

No primeiro encontro os educandos foram direcionados a relatar sua história de vida no assentamento, todos tinham algo para contar e falavam com orgulho de terem chegado até ali. Na primeira explicação sobre gênero textual surtiu uma certa curiosidade, o que seria esse bicho de 7 cabeças que segundo a professora tem tudo a ver com tecnologia? Apesar da dificuldade de entendimento, aos poucos todos foram percebendo que sabiam falar um pouco sobre o assunto, entendendo divergências de épocas, por exemplo, quando foi que deixamos de utilizar as cartas tanto utilizadas na época de nossos avós ou até por alguns de nós? Aos poucos a compreensão dos avanços tecnológicos e sua relação com os gêneros textuais foi sendo traçada, em uma viagem na história da escrita e sua evolução de acordo com a necessidade da sociedade, eles foram compreendendo o processo e a relação deles enquanto indivíduos parte desse processo. As políticas públicas vieram à tona numa discussão mais fervorosa,

diante da história do Brasil marcada por desigualdades, esse foi o ápice da autonomia crítica esperada, onde eles identificaram ali a história de lutas do movimento sem-terra e a sua participação no processo.

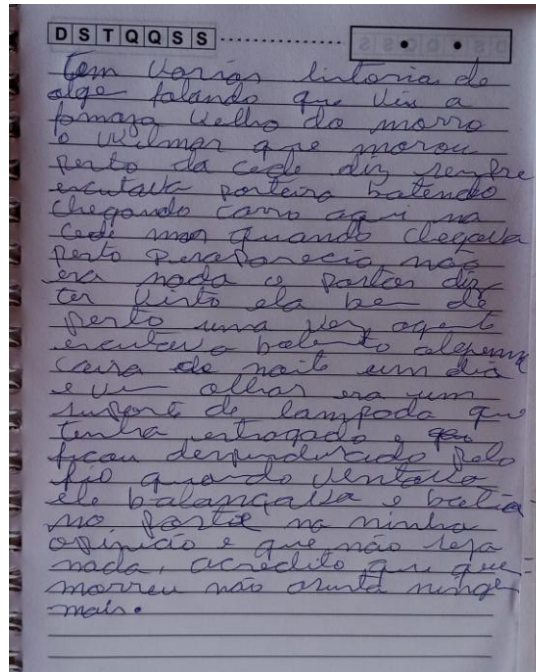
Figura 1 – Aula ministrada no assentamento -1º encontro



Fonte: próprio autor.

No segundo encontro, após a explicação dos variados tipos de gêneros textuais e exemplos sobre, na atividade de criação de um texto utilizando um dos gêneros e relacionando com a história do assentamento, podemos perceber a mudança que trouxe aquele pequeno pedaço de terra para a melhoria de vida de cada um, o que brotou na professora que vos escreve uma necessidade de aprofundar na história de vida desse povo, foi aí que iniciamos a escrita do livro da minha vida. Este deixei como tarefa para apresentação no final da disciplina.

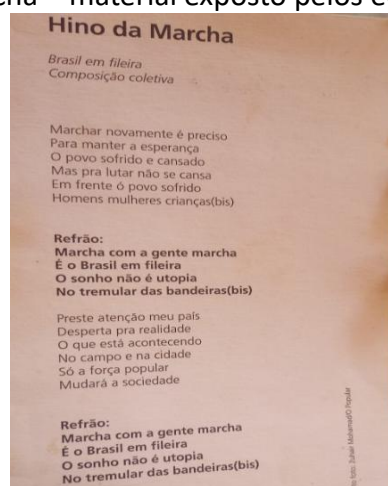
Figura 2 - Atividade desenvolvida – gênero textual Lenda – A “véia” do morro - 2º encontro



Fonte: próprio autor.

Dando continuidade ao ápice da criticidade, pois não podíamos ficar somente ali, no terceiro encontro sugeri uma atividade que denominei “linha do tempo”, cada um levaria uma foto, objeto ou qualquer memória que remetesse o período dentro do assentamento desde sua criação até os dias atuais, com essa atividade objetivei levar jornais, revistas, pesquisas que relacionassem também as mesmas épocas, relacionando assim a história de um povo dentro da história do país. Objetos e fotos foram expostos e muita história rendeu, quanta lembrança de tempos passados e o quanto falar sobre os deixaram felizes e orgulhosos da trajetória vivida com muita intensidade e amor.

Figura 3 - Hino da marcha – material exposto pelos educandos – 3º encontro.



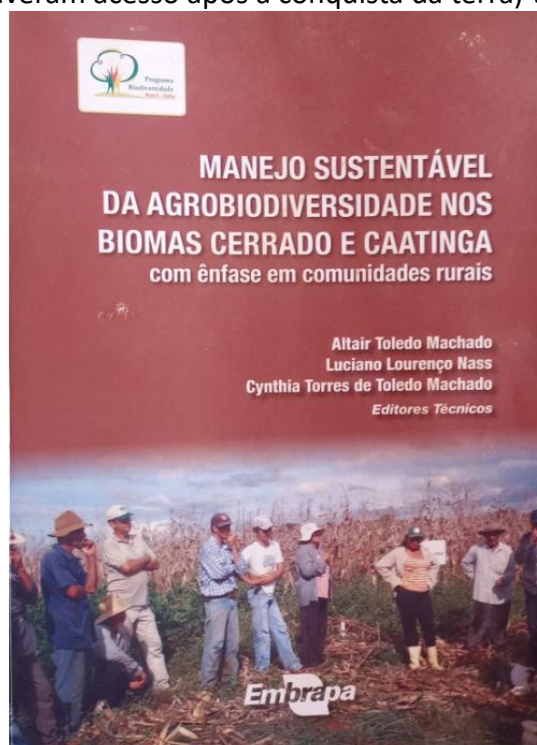
Fonte: próprio autor.

Figura 4 - Matéria no jornal da época sobre os assentados – material exposto pelos educandos -3º encontro.



Fonte: Próprio autor.

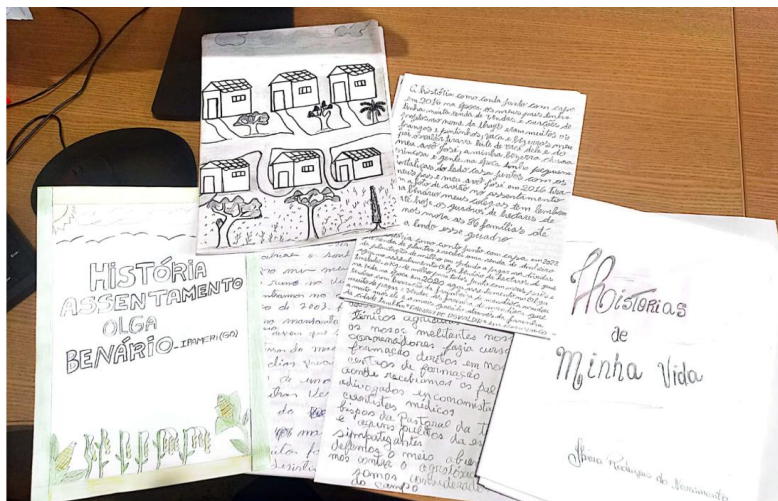
Figura 5 - livro maejo sustentável – material exposto pelos educandos (1º livro que eles tiveram acesso após a conquista da terra)-3º encontro



Fonte: próprio autor.

Por último, no quarto encontro e não menos importante, iniciamos a apresentação do “livro da minha vida”, um mar de aprendizado para a professora que precisava entender um pouco mais sobre a dinâmica desse povo que por vezes eram tão julgados pela sociedade. Confesso que me surpreendi por tão tamanha organização, eles sabiam se organizar socialmente e conseguiam a união de uma comunidade que lutava pelos mesmos objetivos, essa talvez fosse a diferença. Existiam regras determinadas por eles e pessoas líderes que deveriam ser respeitadas, líderes esses dispostos a morrer pela causa. A luta não era apenas por um pedaço de chão, mas sim pelo que aquele pedaço de chão representava, comida no prato, estudos para seus filhos, dignidade. Finalizamos com êxito nossa disciplina de Gêneros Textuais, no meio de muita história, poemas, músicas, jornais com notícias da época, livros, entre outros, que ilustravam cada detalhe que fazia parte dessa colcha de retalho costurada com muita luta e história.

Figura 6 - Livro da minha vida – atividade executada no 4º encontro



Fonte: próprio autor.

Figura 7 - Atividade desenvolvida – livro da minha vida - 4º encontro

UM pouco da Nossa História aqui no Assentamento

A nossa chegada aqui no assentamento foi no ano de 2003, nós foi unidos inscritos no inveni, ficamos o tempo dos mais ao menos 6 meses como externo, aí porque uma desistência de uma família e nós fomos con-templado com essa parcela coletiva da no coletivo de 6 famílias, a luta foi grande pra gente devido falta de companheirismo, opiniões contrárias que é normal. São 6 cabeças com opiniões diferentes, o bom que a gente conseguiu o CCU rápido, onde de imediato onde fomos beneficiados com o projeto de auxílio moradia do governo Federal, na época no valor de 15,000,00, ficamos 1 ano e 4 meses numa barraca de lama, com muita luta, ajuda de voluntários conseguimos construir 4 famílias, em 2003 nós já estamos morando nela.

Com o término do sistema coletivo de trabalho, nós estamos usando satisfatório para todos, por uns fatores, reuniões e decisões.

Oportunidade aqui com uma comunidade de trabalho com parcerias com todos, que todos, todos, todos, todos e trabalho mas a terra e também animais.

Foi muito difícil mas hoje não tem mais e não o ponto de vista mesmo abençoado, muito bonito esta estrutura, todos com saúde de novo já ficando família.

Hoje com o ambiente adequado e expectativas de mais parceiros tivemos a vida de terra e os meios.

Oportunidade vem para todos mas só a segura e oportuna quem tem interesse de ajudar outros e se tornar donos.

Fonte: próprio autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha pela metodologia de Paulo Freire foi estabelecida para essa disciplina pois a filosofia da educação criada por Freire consiste na pedagogia voltada para a prática e a ação transformadora, onde o conhecimento de si e de sua história traz à tona a necessidade da transformação através da reflexão crítica a respeito do contexto em que se vive. Segundo Paulo Freire na pedagogia da autonomia, “umas das tarefas mais importantes da prática educativo- crítica é propiciar as condições que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ensaiam a experiência profunda de assumir-se” (Freire,

1996) como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz e de ter raiva e de amar.

As histórias de vida trabalhadas nessa disciplina trazem o estudo do modo de constituição de vida do ser social e singular, o que consiste então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua história de vida, com o mundo histórico e social e a construção disso que ele dá à sua experiência, em uma compreensão e estruturação da experiência e da ação, na sua relação com o mundo que o rodeia.

A compreensão do indivíduo acerca de seu processo de formação, segundo Josso (2002, p. 186), estabelece uma coerência entre as relações do passado e mudanças ocasionadas pelo processo. Essas mudanças, conseqüentemente, retratam a autonomia do sujeito como ser pensante, transformador de si, encadeada a uma situação inicial de inocência e inexperiência, além de uma situação terminal de maturidade e de domínio, “a saber da fabricação do mundo interior do mundo exterior, da metabolização e da apropriação pelo indivíduo dos ambientes de toda sorte que são os seus” (Delory-Momberger, 2012, p. 531).

Os assentados são pessoas com diferentes saberes, possuem variados cursos que lhes foram propiciados através de projetos, ensinando o respeito pela terra e o mover para reestruturação e adequação da terra sem prejuízo do solo e responsabilidade ambiental. Muitos possuem dificuldades na escrita, mas todos possuem o aprendizado necessário para a prática de atividades agrícolas realizadas em suas propriedades, muitas são as atividades realizadas por eles que permite a reprodução da família no campo ou na cidade, não somente em termos econômicos, mas também culturais (farinha de mandioca, verduras, doces artesanais, especiarias.).

Cabe nesse momento explicar a relação de um conhecimento com o outro, todos os tipos de conhecimento são conhecimentos os quais o ser humano se relaciona em um dado momento da vida. Podemos visualizar o senso comum como o conhecimento das crenças e os hábitos de um determinado povo e/ou sociedade, sendo o conhecimento científico a verificação dos fenômenos para a comprovação da verdade. Seja qual for o conhecimento adquirido pelo indivíduo

esse pode resultar na experiência adquirida pelo sujeito. Esta experiência acumulada é capaz de produzir um tipo de saber, que traz a possibilidade de resignificação do vivido. Produz também formação, considerada como movimento da transformação pessoal, ou seja, “enquanto os processos educativos constituem práticas sociais, a formação é interior e liga-se a experiência do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento” (Bragança, 2011, p. 161), (Silva, 2020).

CONCLUSÃO

“O curso de Agente de Desenvolvimento Cooperativista solidário adota uma abordagem pedagógica inspirada nos princípios da pedagogia de Paulo Freire, buscando promover uma educação libertadora, crítica e transformadora.” (PPC Agente de Desenvolvimento Cooperativista solidário, 2024). Nessa perspectiva essas aulas foram direcionadas para uma construção conjunta do conhecimento, em uma troca de saberes e experiências, aulas essas dialogadas permitindo que os estudantes compartilhassem suas vivências e refletissem criticamente sua realidade, retomando o que foi perdido no caminho, como bem-dito por eles nos variados relatos, escritos, orais, musicais, dentro de algum gênero textual.

Considerar as características locais é inerente ao processos ensino-aprendizagem, ao focar no aspecto humano, vários são os fatores a serem apontados ao longo da duração do curso. Os discentes do assentamento apresentam idiosincrasias diversas, dentre estas destacam-se a dificuldade de acesso ao local de aulas, bem como o trabalho na lida, que, por vezes, impossibilita que aulas sejam ministradas em uma maior quantidade de dias durante a semana. Outro fator adverso à participação dos alunos é o deslocamento ao local do curso, visto que muitos não possuem veículos adequados e, dessa forma, muitas vezes acabam organizando-se em grupos para caronas. Em um caso mais extremo, notamos que três alunos, todos da mesma família foram a uma das aulas a pé, sob o sol do Cerrado, caminhando em estrada de terra sujeitos às intempéries ambientais.

É de se louvar a disposição daqueles que, mesmo após um dia cansativo de trabalho propõem-se a buscar uma qualificação que, para além do indivíduo, atenda aos interesses do grupo. Ao ouvir sobre as histórias do movimento, das lutas em grupo, da organização dos mantimentos para que todos fossem atendidos, da organização dos oprimidos frente as forças repressoras estatais e capitalistas, a sensação de pertencimento ao grupo foi notória, a comunidade, ainda na “época das barracas” (maneira que eles se referem ao período de ocupação da terra improdutiva) agia de forma una, quase como um organismo, onde cada um contribuía, dentro de suas possibilidades ao sucesso do todo. Em oposição a isso, recebendo relatos do período em que já estavam assentados, pude constatar certas divisões em pequenas células dentro da turma, me levando a uma reflexão que, mesmo oriundos do mesmo movimento social, os sujeitos ali contidos, ao passarem por experiências singulares após serem assentados, deixaram de lado esse viver coletivo, pois, agora os objetivos eram múltiplos, a identidade de grupo foi perdendo forças, e atritos foram criados. Pensando em alterar o paradigma vigente, em minha atuação, optei por trabalhar com vistas ao resgate dessa identidade de grupo, enfatizando assim os dizeres contidos no nome do curso, estimulando o cooperativismo e, sobretudo, a solidariedade.

O trabalho foi iniciado nesta disciplina, possibilitando a abertura e conhecimento de um povo e de sua cultura, em sequência, na próxima disciplina (Tempo na Comunidade) o trabalho será continuado, pois se trata de uma disciplina que versará sobre o projeto final do curso, onde será projetado a realização de uma feira voltada para a comunidade externa, com a participação de todos os alunos, objetivando a coesão e unidade do grupo, resgatando assim a identidade original da comunidade.

Enquanto professora me vi com essa missão ao compreender nessa experiência os dizeres de Paulo Freire, a inconclusão do sujeito inacabado num permanente processo social de busca, tanto dos educandos quanto da professora, a partir de uma curiosidade que se faz conhecimento, nos tornando capazes de intervir na realidade, tarefa essa segundo ele geradora de novos saberes, mais complexo do que se adaptar à realidade.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, mai/ago. 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens Metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, set/dez. 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Projeto pedagógico de curso de formação inicial e continuada agente de desenvolvimento cooperativista solidário. 2024.

SILVA, Marilene Aparecida Santana. *Experiências de formação dos discentes nativos da etnia Xacriabá no IF Goiano Campus Urutaí-GO (2014-2019)*. 2020. 269 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2021.